Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

Expansão e sobrevivência: as mobilidades da monarquia sueva durante o século V.

Expansion and survival: mobilities of the Suebi monarchy during the 5th century.

Danilo Medeiros Gazzotti•

Resumo

No decorrer do século V, a monarquia sueva passou por diversas transformações desde sua entrada na Península Ibérica até a consolidação de sua hegemonia político-militar na região. Dentre elas, podemos destacar o seu amplo processo de mobilidades que, em nossa visão, estavam intrinsicamente ligadas aos vários conflitos militares que ocorriam por toda a *Hispania.* Tendo por base esse contexto, propomos nesse artigo analisar os objetivos que pautaram essas mobilidades, buscando demonstrar que essa estratégia era empregada principalmente em prol da expansão ou da sobrevivência dessa monarquia, dependendo da época considerada.

Palavras-chaves: Antiguidade Tardia; Monarquia sueva; Mobilidades.

Abstract

During the 5th century, the Suebi monarchy went through several transformations from the time they made their way into the Iberian Peninsula to the consolidation of its political-military hegemony in the region. Among these transformations, what stands out is their broad process of mobilities. In our view, they were intrinsically linked to the various military conflicts that occurred throughout *Hispania*. Based on this context, we propose hereby to analyze the objectives that guided these mobilities, seeking to demonstrate that this strategy was used mainly in favor of the expansion or survival of this monarchy, which varies depending on the time the studies are focused on.

Keywords: Late Antiquity; Suebi Monarchy; Mobilities

Enviado: 01/12/2020
Aprovado: 20/12/2020

O século V foi um período marcado por grandes transformações na Península Ibérica. Em menos de trinta anos, grande parte da antiga estrutura da *Diocesis Hispaniarum* havia se desagregado e a região sofria com os constantes embates entre as populações de alanos, vândalos e suevos - que haviam entrado nesse território durante a usurpação de Máximo - e o que restava da antiga Autoridade Imperial romana.

Porém, após as campanhas de eliminação de alanos e vândalos silingos promovidas pelas tropas federadas godas em 416 e com a passagem dos vândalos asdingos para a África em 429, os suevos aos poucos se tornaram protagonistas,

• Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Universidade de Cuiabá - Unidade Ary Coelho em Rondonópolis - MT, e Vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Rondonópolis. Foi também professor substituto do departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso - campus Rondonópolis, entre os anos de 2018 e 2020. Pesquisador do Núcleo de Estudos Mediterrânicos UFPR.

estabelecendo uma relação conflituosa com a população hispano-romana, em especial a da *Gallaecia,* local onde exerciam uma hegemonia político-militar.

Essas relações foram relatadas pela crônica de Idácio de Chaves, um dos únicos documentos contemporâneos a esses acontecimentos. Idácio havia sido elevado ao episcopado em 427 e desde esse momento se tornara uma espécie de autoridade político-religiosa da *Gallaecia*, tendo um papel ativo no enfrentamento à monarquia sueva e na defesa dos interesses da população que habitava essa província romana.

No decorrer de sua obra, Idácio narra os diversos deslocamentos promovidos pelos constantes confrontos entre a monarquia sueva e a população hispano-romana, mostrando, em nossa visão, que as mobilidades nesse período estavam intrinsicamente ligadas aos conflitos militares que ocorriam na região. No entanto, conforme discutiremos nesse artigo, essas mobilidades deram-se por motivos distintos durante todo o século V, sendo pautadas em um primeiro momento pela expansão da monarquia sueva na antiga *Diocesis Hispaniarum*, e posteriormente por sua tentativa de sobrevivência.

Logo após mencionar a passagem dos vândalos para a África, Idácio começa a informar sobre o início do processo de expansão da monarquia sueva, quando relata a ocorrência de enfrentamentos entre os suevos de Hermerico e a *plebem* que habitava as *castella tutiora*[1], que poderia ser um local de residência habitual da aldeia ou alguma zona de refúgio específica[2].

Buscando conter esses ataques, a população local tenta estabelecer acordos com os suevos, porém todos eram frágeis e exclusivamente locais, o que inviabilizava sua manutenção. A falta de uma unidade e de uma identidade política entre os habitantes da *Gallaecia* dificultava ainda mais o estabelecimento de tratados duradouros, pois, muitas vezes, acordos que eram estipulados com um grupo não valiam para outro, o que tornava a província uma região de permanentes conflitos.

Tentando mudar essa situação, Idácio lidera uma embaixada ao *dux utriusque militiae* Aécio, que estava realizando uma campanha contra os francos na Gália[3]. Segundo Bruno Miranda Zétola, como no período não havia nem um Estado e nem uma burocracia, nos sentidos atuais dos termos, serão as relações de identidade e alteridade entre unidades políticas soberanas que permitiriam e fomentariam a existência das relações diplomáticas

[1] Hydatius, ***Chronica***, VI, 81.
[2] DÍAZ, Pablo C. Estructuras de gobierno local en la Antigüedad Tardia. **Studia Zamorensia Historica**, nº 8, 1987, p. 242.
[3] Hydatius, ***Chronica*** VII, 86.

entre elas, as quais seriam motivadas por objetivos que estariam associados sempre com a questão do poder, seja de uma autoridade ou de sua unidade política. Desse modo, a diplomacia constituiria, ao lado da guerra, um dos meios que o soberano possuiria para alcançar seus objetivos de política externa[4].

Com o avanço da deterioração do poder imperial na *Diocesis Hispaniarum*, caberá cada vez mais às autoridades regionais se utilizarem dos meios diplomáticos para tentar chegar a algum acordo com os grupos bárbaros[5]. Idácio, como líder de uma comunidade provincial, percebe a importância desse mecanismo de comunicação política, e além de liderar algumas embaixadas, faz questão de registrar em sua crônica a existência de quarenta e duas legações, um número sem igual nas fontes dessa natureza[6].

Nessa época, devido, principalmente, ao escasso número de soldados de que dispunha, o governo imperial não tinha mais condições de impor a paz em suas províncias, como fazia antigamente. Agora, em muitos casos, tentava se valer da ferramenta diplomática buscando negociar uma convivência pacífica com seus adversários.

Apesar da tentativa de Idácio, a embaixada de 431 não alcança o resultado esperado, pois além de Aécio estar com problemas internos na corte de Ravena, tendo conflitos com a regente imperial Gala Placídia e com o general Bonifácio, ele não também dispunha de tropas suficientes para auxiliar os galaico-romanos. Sem poder enviar soldados para ajudar na questão, Aécio lança mão do viés diplomático e designa para ir à *Gallaecia*, junto com Idácio, o *comes* Censório, que seria um representante imperial nas negociações com os suevos, dando aos acordos estabelecidos um viés mais legitimado[7].

Após o retorno de Idácio, as negociações entre suevos e a Autoridade Imperial romana[8] continuam, agora tendo Censório como seu principal interlocutor, porém, de acordo com Pablo C. Díaz[9], apesar disso, o governo de Ravena ainda não estava disposto a ceder às exigências dos suevos e estava centrando seus esforços na Gália, onde o

[4] ZÉTOLA, Bruno Miranda. **Política Externa e Relações Diplomáticas na Antiguidade Tardia**. Curitiba: Editora UFPR, 2012, p.28.
[5] GILLET, Andrew. **Envoys and political communication in Late Antique West: 411-513**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p.37.
[6] ZÉTOLA, Bruno Miranda. **Política Externa e Relações Diplomáticas na Antiguidade Tardia**. Curitiba: Editora UFPR, 2012, p.34.
[7] Hydatius, ***Chronica*** VIII, 88.
[8] Hydatius, ***Chronica***, VIIII, 91.
[9] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 74.

magister militum ocidental Aécio enfrentava noros[10], francos[11], burgúndios[12] e tinha também problemas com os godos,[13] que haviam sitiado recentemente Narbona[14].

Nesse período, o rei Hermerico continuava com suas ações militares focadas apenas na *Gallaecia*, pois, a nosso ver, este governante buscava um acordo que reconhecesse o domínio dos suevos nessa região, por isso seus constantes ataques permaneciam concentrados nessa província e não se dirigiram a outras regiões. Porém, antes que pudesse alcançar seu objetivo, o rei suevo adoece, sendo obrigado a passar o poder para seu filho Réquila[15].

Diferentemente de seu pai, que havia centrado sua atuação em uma esfera local e praticamente não havia empreendido ações fora da província da *Gallaecia*, Réquila realizará uma política mais agressiva, expandido-se até o sul da *Hispania*, visando às províncias da *Lusitânia* e da *Bética*. Essas campanhas responderiam tanto a um objetivo estratégico quanto econômico, pois o novo rei suevo atacava assim duas regiões com uma quantidade de riquezas muito superiores ao Noroeste peninsular e que não contavam nesse momento com um controle administrativo imperial muito forte, como a *Tarraconense* e a *Cartaginense* tinham[16].

Nos dois anos seguintes, Réquila se concentraria em tentar tomar o controle do Vale do rio Guadiana, conseguindo ocupar a cidade de Mérida em 439[17]. O domínio da capital da *Lusitânia*, que era a capital da *Diocesi*s e a sede do *vicarius*, permitiu ao rei suevo controlar o que restava do aparato administrativo romano na região[18].

Para tentar resolver essa situação, o governo imperial envia novamente o *comes* Censório à região. Ele se estabeleceria na cidade de Mértola e tentaria negociar uma nova trégua com os suevos. Porém, ao contrário de seu pai, Réquila estava mais empenhado em sua expansão militar do que em realizar negociações. Em 440, o rei suevo sitia a cidade de Mértola e obriga Censório a se entregar[19].

[10] Hydatius, ***Chronica***, VII, 85.
[11] Hydatius, ***Chronica***, VIII, 83.
[12] Hydatius, ***Chronica***, XII, 99 e XIII, 102.
[13] Hydatius, ***Chronica***, XIIII, 105.
[14] Hydatius, ***Chronica***, XII, 98.
[15] Hydatius, ***Chronica*****,** XIIII, 106
[16] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 75.
[17] Hydatius, ***Chronica***, XV, 111.
[18] GARCÍA MORENO, Luis Agustín. **Historia de España Visigoda**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1989, p.56.
[19] Hydatius, ***Chronica***, XVI, 113.

De acordo com Pablo C. Díaz, as conquistas de Mérida e Mértola são indícios do caráter estratégico que tinha a campanha de Réquila. Com suas vitórias, além de conseguir o jugo da capital da *Diocesis*, o rei suevo dominava um importante porto fluvial, a cidade de Mértola, que era uma parada importante na difícil navegação do rio Guadiana. A conquista e ocupação dessas duas cidades implicava no controle da saída do Atlântico, que era uma via comercial e de comunicação de grande importância[20].

Logo após essas vitórias, Idácio noticia a morte do antigo rei Hermerico depois de quatro anos doente[21]. A morte de seu pai fortaleceu a posição de Réquila e permitiu ao novo rei centralizar a autoridade da monarquia sueva em torno de si, já que anteriormente suas ações deveriam passar pela aprovação de seu pai, pois, de acordo com Idácio, Réquila havia até o momento o substituído[22] e não sucedido[23].

> Após a sucessão, e tendo sua posição de rei consolidada, Réquila retoma suas campanhas e conquista a cidade de *Hispalis*, expandindo sua hegemonia militar pelas províncias da *Bética* e da *Cartaginense* e estabelecendo seu domínio por quase toda a *Hispania*, à exceção da província da *Tarraconense*[24].

Depois da ocupação da *Bética* e da *Cartaginense* em 441, as notícias sobre os suevos só retornam em 446, quando Idácio informa que um contingente romano liderado pelo *magister utriusque militiae* Vito e auxiliado por tropas godas estava saqueando as duas províncias. Ao ter notícia desses acontecimentos, Réquila ataca as tropas de Vito, obrigando-o a fugir derrotado. Após o ataque, o rei suevo ordena o saque das províncias[25].

> Vito, uma vez que foi nomeado *magister utriusque militiae*, é enviado a *Hispania* com apoio de uma tropa de reforço nada exígua. Quando estava incomodando a Cartaginense e os Béticos, apareceram ali, de repente, os suevos junto com o seu mesmo rei, e depois de serem derrotados no encontro com os godos que acudiram a sua ajuda com fim de proceder o saque, entrou em um patético terror e fugiu. Os suevos assolam de imediato todas aquelas províncias por meio de um grande saque. (Hydatius, *Chronica*, XXII, 126)[26].

---

[20] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 77.
[21] Hydatius, ***Chronica***, XVII, 114.
[22] *Hermericus rex morbo oppressus Rechilam filium suum* ***substituit*** *in regnum (*Hydatius, *Chronica*, XIIII, 106). Grifo nosso.
[23] PAMPLIEGA, Javier. **Los germanos en España**. Berriozar (Navarra): Ediciones Universidad de Navarra, 1998, p. 304.
[24] Hydatius, ***Chronica***, XVII, 115.
[25] Hydatius, ***Chronica***, XXII, 126
[26] *Vítus magister utriusque militiae factus ad Hispanias missus non exigue manus fultus auxilio, cum Carthaginienses uexaret et Beticos, succedentibus cum rege suo illic Sueuis, superatis etiam in congressione qui ei ad depredandum in adiutoriun uenerant Gothis, territus miserabili timore diffugit. Sueui exim ilas prouincias magna depredatione subuertunt.*

Um aspecto a se notar nessa passagem de Idácio é o duplo saque realizado na *Bética* e na *Cartaginense*. Devido às duas províncias estarem em um local de hegemonia político-militar dos suevos, possivelmente o governo imperial não as considerasse nesse momento como um território romano e, necessitando de recursos, tenham realizado uma campanha de saque para suprir as perdas com o fim da arrecadação de impostos. Por outro lado, apesar de seu domínio na região, os suevos também não consideravam essas províncias como integrantes de seu território, tendo-as somente sob sua influência político-militar, o que permitiria uma campanha de saque, principalmente após a vitória sobre um inimigo.

Esse episódio mostra a difícil situação da população dessas províncias, que nesse momento não eram consideradas pertencentes ao Império Romano e nem integrantes de um reino suevo, tendo suas propriedades saqueadas por ambos os grupos. Nesse cenário, se torna cada vez mais marcante o processo de fortalecimento das aristocracias locais, que estariam desvinculadas de um âmbito mais universal e teriam um poder mais autônomo baseado nos grupos heterogêneos dali, servindo como interlocutores válidos entre as populações autóctones e os demais grupos da região[27].

O saque da *Bética* e da *Cartaginense* foi a última ação de Réquila noticiada por Idácio, sendo que na próxima entrada sobre os suevos, o bispo informa acerca de sua morte e sobre a transição de poder na monarquia sueva em 448. Com sua posição política fortalecida devido às vitórias dos últimos anos e sobretudo com a criação de uma dinastia em torno da figura do antigo rei Hermerico, Réquila consegue estabelecer como sucessor seu filho Requiário, que daria continuidade à política expansionista de seu pai. O novo monarca suevo procurou estreitar vínculos com o governo imperial romano, ao mesmo tempo em que buscaria também aprofundar seus laços com o reino dos godos.

Tentando ampliar sua política expansionista, o rei suevo lança mão de duas medidas políticas, direcionadas a sinalizar um acordo ou uma associação com os godos. A primeira foi ordenar a execução do *comes* Censório[28], que era visto como inimigo a partir da perspectiva goda, e até esse momento ainda permanecia como refém entre os suevos, pelo líder varno Agiulfo. A segunda foi propor matrimônio à filha do rei godo,

[27] PAMPLIEGA, Javier. **Los germanos en España**. Berriozar (Navarra): Ediciones Universidad de Navarra, 1998, p.311-312.
[28] Hydatius, ***Chronica***, XXV, 131.

permitindo deste modo sua aliança com esse outro poder real e o fortalecimento de sua posição na *Hispania*.

O matrimônio era visto de maneira positiva também pelo rei godo, que, além de temer um ataque iminente dos hunos de Átila, notava suas relações diplomáticas estremecidas com a Autoridade Imperial de Ravena e com a monarquia vândala[29]. O casamento foi celebrado no ano de 449 e em comemoração à união de suas monarquias e ao estabelecimento de uma fidelidade bárbara entre os dois grupos, godos e suevos fizeram uma campanha contra os bascos no norte da *Hispania*, um inimigo comum para ambos, e que também havia rivalizado por séculos com os romanos, o que possivelmente justifica o elogio de Idácio a esta ação: "Requiário saqueia os bascos durante o mês de fevereiro, após casar com a filha do rei Teodorico, coisa que foi considerada um bom presságio no início de seu reinado (Hydatius, *Chronica* XXV, 132)[30]".

Tendo seu poder régio consolidado e uma hegemonia político-militar na *Hispania*, Requiário tenta expandir sua área de influência para a única província hispana que ainda estava sob domínio romano, a *Tarraconense.* Segundo Idácio, após uma visita à corte de Teodorico I na Aquitânia, Requiário teria se dirigido à *Tarraconense,* onde teria se unido momentaneamente às bagaudas comandadas por Basílio[31] e tomado a cidade de Lérida[32], fazendo uma grande quantidade de prisioneiros.

Durante os próximos dois anos, os suevos seguem aumentando sua hegemonia bélica na *Hispania,* quando, em 451, há uma grande mudança na situação político-militar do Império e que teria um reflexo certeiro nas ações do rei suevo.

Após anos entrando em atritos com o governo imperial de Ravena, o rei godo Teodorico I firma um pacto com o *magister militum* ocidental Aécio, no qual os godos se comprometem, assim como francos e burgúndios, a formar uma coalizão para enfrentar a confederação huna liderada por Átila, que pretendia, além do reconhecimento de sua autoridade pelo imperador ocidental, submeter todos os demais grupos bárbaros no Império ao seu comando.

[29] TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. Reckiario, rey de los suevos: primer ensayo de unidad peninsular. **Boletín de la Universidad Compostelana**, nº 65, 1957, p.155.
[30] *Rechiarius accepta in coniugium Theodori regis filia auspicatus initio regni Vasconias depredarur mense Februario.*
[31] Hydatius, ***Chronica***, XXV, 133.
[32] Hydatius, ***Chronica***, XXV, 134.

O confronto decisivo entre esses dois grupos ocorreu na região dos Campos Catalaúnicos na Gália, perto de Metz, de onde os hunos saíram derrotados e foram obrigados a recuar[33]. Os godos, apesar de vitoriosos, tiveram como principal consequência da batalha a morte de seu rei Teodorico I, que foi sucedido no comando de seu reino por seu filho Turismundo[34]. Segundo o relato de Idácio, nesse embate teriam morrido cerca de trezentos mil homens[35], o que provavelmente seria um exagero retórico do bispo, que queria valorizar o resultado final do conflito e a aliança formada por godos e romanos.

Com a derrota dos hunos na Gália e a morte de Átila após a campanha na Itália[36], o governo imperial romano pôde retornar à atividade diplomática com os suevos e envia à *Hispania* um novo *comes hispaniarum* chamado Mansueto, acompanhado de outro *comes* de nome Fronto para retomar os termos de uma negociação de paz[37].

De acordo com Pablo C. Díaz, o envio de uma delegação de tão alta patente devia implicar em uma consideração com a monarquia sueva, que até o momento não havia sido percebida. Apesar de não haver referências diretas sobre os termos desses acordos, sabe-se que os suevos devolveram a *Cartaginense* aos romanos e, segundo o autor, a situação lembra claramente um tratado de um acordo militar entre iguais e não a renovação de algum *foedus*[38]. Dessa forma, nesse momento os suevos teriam obtido o reconhecimento de sua autoridade em algumas províncias da *Hispania*, mesmo que de forma precária e efêmera[39]. Com base no relato de Jordanes, podemos interpretar que nesse momento os suevos tinham sob sua hegemonia político-militar as províncias da *Gallaecia* e Lusitânia[40].

Porém, no momento em que os suevos estão no processo de obter esse reconhecimento, a situação política no Império Romano e na monarquia goda muda novamente. No reino godo, o rei Turismundo é assassinado por seus irmãos Teodorico e Frederico, sendo que o primeiro o sucede como rei[41]. Em Ravena, Valentiniano III, que

[33] Hydatius, ***Chronica***, XXVII, 145.
[34] Hydatius, ***Chronica***, XXVII, 144.
[35] Hydatius, ***Chronica***, XXVII, 142.
[36] Hydatius, ***Chronica***, XXVIIII, 146.
[37] Hydatius, ***Chronica***, XXVIIII, 147.
[38] DÍAZ, Pablo C. La modalidad del asentamiento suevo y sus consequencias. **Studia Zamorensia Historica**, nº 7, 1986, p.353-365.
[39] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 75.
[40] Iordanes, ***De origine actibusque Getarum***, XLIV, 230.
[41] Hydatius, ***Chronica***, XXVIIII, 148.

havia se libertado da influência de sua mãe Gala Placídia[42] após sua morte em 450, aproveita o fim da ameaça dos hunos e executa o *magister militum* Aécio e parte da aristocracia que o apoiava, provavelmente com o objetivo de unificar o poder imperial em torno de si[43]. Para tentar manter os acordos estabelecidos entre seu antigo general e os diversos povos bárbaros dentro do Mundo Romano, o imperador despacha várias embaixadas pelo Império. Idácio informa que a enviada para negociar com os suevos era comandada por um legado de nome Justiniano[44].

A embaixada de Justiniano possivelmente ajudou a manter os acordos com os suevos por mais algum tempo, porém o posterior assassinato do imperador por partidários de Aécio[45] acabaria de vez com qualquer combinado que tivesse existido entre o governo imperial e a monarquia sueva.

A morte de Valentiniano III e a confusão criada pela efêmera sucessão de Petrônio Máximo[46], a usurpação de Avito[47] e seu posterior reconhecimento[48], e o saque de Roma pelos vândalos[49] foram situações que abalaram a frágil situação do Império e que eram péssimas para povos como os suevos, que ainda estavam buscando sua consolidação interna[50].

Nessa situação, o rei Requiário se viu livre dos acordos anteriormente estabelecidos com Aécio e Valentiniano III, e possivelmente almejando requerer seu espaço como genro do antigo rei Teodorico I e cunhado do atual rei Teodorico II, inicia um novo processo de expansão na *Hispania*, atacando a província da *Cartaginense,* que havia sido há pouco tempo devolvida para a esfera do poder imperial: "Os suevos saqueiam as regiões da Cartaginense devolvidas aos romanos" (Hydatius, *Chronica*, XXXI, 161)[51].

De fato, este Requiário, amparando-se em seu parentesco com Teodorico, acreditou que podia apoderar-se de quase toda a *Hispania* e considerou que o princípio

[42] Hydatius, ***Chronica***, XXVIII, 140.
[43] Hydatius, ***Chronica***, XXX, 152
[44] Hydatius, ***Chronica***, XXX, 152.
[45] Hydatius, ***Chronica***, XXX, 152XXXI, 154.
[46] Hydatius, ***Chronica***, XXXI, 155.
[47] Hydatius, ***Chronica***, XXVIII, 156.
[48] Hydatius, ***Chronica***, XXVIII, 159.
[49] Hydatius, ***Chronica***, XXVIII, 160.
[50] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 81.
[51] *Sueui Carthaginienses regiones quas Romanis rediderant depredantur*.

de seu reinado, ainda pouco consolidado, era o momento oportuno para tentar sua ocupação clandestina (Iordanes, *De origine actibusque Getarum*, XLIV, 229)[52].

Para tentar resolver a situação, o imperador Avito e o rei Teodorico II enviam embaixadas para os suevos. Nesse momento, a aliança entre godos e romanos havia se fortalecido novamente. Avito era um antigo colaborador de Aécio e de Petrônio Máximo e um aliado da dinastia goda de Tolosa.

Apesar de ter sido proclamado imperador em Arles pelo exército da Gália, sua elevação já havia sido previamente acordada na capital goda e teria contado com o apoio de Teodorico II[53].

A consolidação dessa aliança não agradou ao rei suevo, que provavelmente desconfiava das intenções do novo soberano godo em torno das províncias da *Hispania*. Recusando-se a negociar, Requiário devolve as embaixadas e invade a província da *Tarraconense*, a única cujo território havia permanecido sob certo controle imperial nas últimas décadas.

> O Augusto Avito envia o *comes* Fronto como legado aos suevos. Do mesmo jeito, dado que era fiel ao Império Romano, o rei dos godos Teodorico envia legados aos mesmos, com fim de que mantivessem as promessas do tratado que se juramentaram com o Império Romano, visto que estavam relacionados por um único acordo de paz. Os suevos fizeram voltar os legados de ambas as partes, violaram todos os juramentos, e invadiram a província da Tarraconense, que servia com diligência o Império Romano (Hydatius, *Chronica* I, 163)[54].

Nesse mesmo trecho, Idácio faz ainda uma comparação entre godos e suevos, destacando que nesse momento os godos de Teodorico eram fiéis ao Império e estavam dispostos a negociar, enquanto os suevos de Requiário haviam traído a confiança do Império, quebrado seus juramentos e invadido as regiões sob seu domínio.

A última tentativa de negociação foi feita pelo rei godo em 456, quando Teodorico II envia uma nova embaixada aos suevos. Requiário recusa novamente o acordo e saqueia

[52] *Post cuius decessum Theoderidus germanus eius Vesaegotharum in regno succedens, mox Riciarium Suavorum regem cognatum suum repperit inimicum. Hic etenim Riciarius affinitate Theoderidi presumens, universam pene Spaniam sibi credidit occupandam, iudicans oportunum tempus subreptionis incomposita initia temptare regnantis.*

[53] GARCÍA MORENO, Luis Agustín. **Historia de España Visigoda**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1989, p.61.

[54] *Per Augustum Auitum Fronto comes legacus rnittitur ad Sueuos. Similiter et a rege Gothorum Theuderico, quia fidus Romano esset imperio, legati ad eosdem rnittuntur ut tam secum quam cum Romano imperio, quia uno essent pacis foedere copulari, iurati foederis promissa seruarenr. Remissis legaris utriusque partis atque omni iurationi uiolata Suaeui Terraconensern prouinciam, quae Romano imperio deseruiebat, inuadunt.*

mais uma vez a região da *Tarraconense*, levando um grande número de reféns para a *Gallaecia*[55].

Com a recusa de Requiário em negociar, Teodorico II pôde colocar em prática uma antiga aspiração política dos monarcas godos, que era a de apoderar-se e estender sua influência sobre as províncias hispânicas[56].

Em outubro de 456, o rei godo entra na *Hispania* com um grande exército, e, proclamando atuar por ordem de Avito e em nome do Império, se dirige diretamente à *Gallaecia,* onde tinha por principal objetivo destruir de maneira definitiva o crescente poder suevo[57].

Segundo o relato de Idácio, a batalha ocorre próximo da cidade de Astorga, perto do rio Orbigo, sendo as tropas de Requiário rapidamente derrotadas pelo rei godo. Ferido no conflito e tendo seu exército completamente destruído, Requiário é obrigado a fugir para os limites ocidentais da *Gallaecia*. A versão de Jordanes é parecida, mas com uma valorização ainda maior dos godos.

> Teodorico, o rei dos godos, entra na *Hispania* de imediato junto com seu grande exército, por vontade e ordem do imperador Avito. O rei Requário, junto com uma multidão de suevos, apresenta batalha a doze milhas da cidade de Astorga, junto ao rio Orbigo, três dias antes das nonas de outubro, sexta feira. Tão logo começou a luta, foi derrotado. Com suas formações massacradas, alguns capturados e na sua maior parte fugidos, ele apenas conseguiu retirar-se para os lugares mais afastados da *Gallaecia*, ferido e fugindo. (Hydatius, *Chronica* II, 166)[58].

> Teodorico sentiu-se mal em escutar essa resposta, fez a paz com os demais povos e dirigiu seu exército contra os suevos com a ajuda dos reis dos burgúndios, Gundiuco e Hilperico, que eram leais. O combate foi travado próximo ao rio Orbigo, que corre entre Astorga e a Ibéria, e terminada a batalha resultou vencedor Teodorico com os visigodos, que lutavam por uma causa justa, enquanto quase todo o povo dos suevos pereceu aniquilado (Iordanes, *De origine actibusque Getarum*, XLIV, 231-232)[59].

---

[55] Hydatius, ***Chronica***, II, 165.
[56] ARCE, Javier. **Bárbaros y romanos en Hispania: 400 - 507** A.D. Madrid: Marcial Pons, 2007, p.138.
[57] GARCÍA MORENO, Luis Agustín. **Historia de España Visigoda**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1989, p.62.
[58] *Mox Hispanias rex Gothorum Theodoricus cum ingenti exercito suo et cum uoluntate et ordinatione Auiti irnperatoris ingreditur; cui cum rnultitudine Sueuorum rex Richiarius occurrens duodecimo de Asturecensi urbe miliario ad fluuium nomine Vrbicum III non. Octubris, die VI feria, inito mox certamine superatur. Caesis suorum agminibus, aliquantis captis plurimisque fugatis ipse ad extremas sedes Gallaciae plagatus uix euadit ac profugus.*
[59] *His auditis aegre tulit Theodoridus compacatusque cum citeris gentibus arma movit in Suavos, Burgundzonum quoque Gnudiuchum et Hilpericum reges auxiliarios habens sibique devotos. Ventum est ad certamen iuxta flumen Vlbium, qui inter Asturicam Hiberiamque pretermeat, consertoque proelio*

Após a vitória sobre os suevos e o saque à cidade de Braga[60], o rei godo se dirigiu para a cidade de *Portucale*, onde Requiário estava escondido e segundo Jordanes[61] tinha a intenção de fugir pelo mar, sendo impedido por uma tempestade. Idácio relata que o rei suevo acabou sendo capturado e levado à presença de Teodorico II, que o manteve cativo. Com a prisão de seu governante, os suevos que haviam sobrevivido à batalha se renderam ao rei godo, que ordenou a morte de alguns, provavelmente de membros mais próximos do círculo de poder do antigo rei suevo.

Com a deposição de Requiário, Idácio afirma que o *regnum* dos suevos foi destruído e eliminado, o que em nossa visão significa que o poder régio do rei suevo reconhecido e legitimado pelo governo imperial havia sido extinto[62].

> Requiário, embora tenha conseguido fugir até uma localidade denominada Portucale, foi capturado e levado à presença do rei Teodorico. Tão logo o colocaram sob cárcere, os demais suevos que sobreviveram à dita batalha se entregaram. Alguns, não obstante, foram assassinados. O *regnum* dos suevos ficou destruído e chegou ao seu fim (Hydatius, *Chronica*, II, 168)[63].

Segundo Pablo C. Díaz a frase de Idácio "*regnum destructum et finitum est Sueuorum*" parece reforçar a ideia de que Idácio, até esse momento e desde sua perspectiva romana, associava a monarquia sueva à dinastia de Hermerico. Segundo o autor, a partir de então o desenvolvimento institucional de imitação romana, processo que incluía o interesse de construir uma sede régia permanente na cidade de *Bracara Augusta*, perdia todo o seu sentido[64].

Theoderidus cum Vesegothis, qui ex iusta parte pugnabat, victor efficitur, Suavorum gente pene cuncta usque ad internicione prosternens.

[60] Hydatius, ***Chronica*****,** II, 167

[61] Iordanes, ***De origine actibusque Getarum***, XLIV, 232.

[62] Esse aspecto foi o elemento central de nossa dissertação de mestrado, em que defendemos que o significado da palavra *regnum* nesse contexto era o de autoridade e não o de um reino com conotações territoriais, visto que o poder suevo na *Hispania* do século V se aproximava mais de uma hegemonia político-militar e não de um poder territorial estruturado com fronteiras definidas. Para mais: GAZZOTTI, Danilo Medeiros. **As Concepções do poder régio entre os suevos na *Gallaecia* do século V: uma análise da crônica de Idácio de Chaves**. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

[63] *Rechiarius ad locum qui Portum Cale appellatur profugus regi Theuderico captiuus adducitur; quo in custodiam redacto, caeteris qui de priori certarnine superfuerant tradentibus se Sueuis, aliquantis nihilominus interfectis, regnum destructum et finitum est Sueuorum*.

[64] DÍAZ, Pablo C. Los bárbaros y la península ibérica. El caso suevo en su contexto: a vueltas con la identidad. QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS, Santiago (org.). **Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII**. Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua, 2015, p. 57.

Concordamos com Díaz e, em nossa visão, com a prisão de Requiário e sua posterior execução[65] se encerra o período em que os suevos pautavam suas mobilidades pela expansão. A partir desse evento, há uma pulverização do poder suevo por diversas lideranças locais e o início de um processo que visava a reconfiguração de sua monarquia, sendo este também marcado por diversos conflitos militares, mas que ao invés de buscar expandir sua hegemonia político-militar, procurava garantir sua sobrevivência.

Após a morte de Requiário, Idácio relata o aparecimento de alguns líderes que pretendiam encabeçar a monarquia sueva. O primeiro nome que aparece em sua crônica é o de Aiulfo[66], um possível líder varno que poderia ter sido designado por Teodorico II para controlar os suevos que restaram na *Gallaecia*, enquanto ele realizava campanhas de saques na *Hispania*[67]. Porém, ao chegar à província, ele teria se proclamado rei dos suevos e rompido relações com Teodorico II, que teria sido obrigado a enviar tropas para eliminá-lo[68]. A mesma visão tem Stefanie Hamman, que afirma que Aiulfo fora imposto como rei suevo por Teodorico II, mas o teria traído quando da chegada à *Gallaecia*[69].

Com a morte de Aiulfo, Idácio menciona o nome de outros dois líderes que haviam dividido os suevos restantes em dois grupos distintos, Maldras e Frantano[70]. Essas duas facções passariam a disputar qual clã suevo teria a legitimidade necessária para unificar novamente sua monarquia.

Segundo Pablo C. Díaz, apesar de Idácio atribuir o título de *rex* a Maldras, sua eleição teria um caráter mais similar ao de uma assembleia, por mais que o bispo tenha feito uma conexão familiar ao citar o desconhecido pai do líder suevo. De acordo com o autor, depois dos últimos acontecimentos, os suevos, que estavam divididos, haviam decidido escolher novos chefes militares, que, apesar de serem citados como *rex* por Idácio, tinham um poderio que se aproximava mais de um comando bélico do que de um

[65] Hydatius, ***Chronica***, II, 171.
[66] Hydatius, ***Chronica***, II, 173
[67] Hydatius, ***Chronica***, II, 175; I, 179.
[68] REINHART, Wilhelm. **Historia General del reino hispánico de los suevos**. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre, 1952, p.47-48; TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. **Galicia histórica. El reino de los suevos**. La Coruña: Fundación "Pedro Barrie de la Maza Conde Fenosa": Instituto "P Sarmiento" de Estudios Gallegos", 1977 p. 155 - 156.
[69]HAMMAN, Stefanie. **Vorgeschichte und Geschichte der Sueben in Spanien.** Dissertation. Regensburg: Universität Regensburg, 1971, p. 123.
[70] Hydatius, ***Chronica***, I, 181.

poder régio[71]. Esse caráter militar fica ainda mais evidente se considerarmos que o grupo suevo que elegeu Frantano seja o mesmo que outrora teria apoiado Aiulfo[72].

É difícil precisarmos o verdadeiro motivo para a separação dos suevos em grupos comandos por chefes militares, algo que Casimiro Torres tenta explicar como sendo apenas uma divisão geográfica entre os suevos do *conventus* de Lugo e de Braga[73]. Mas, possivelmente, essa disputa poderia se tratar de uma divisão de acordo com a heterogeneidade originária das antigas tribos de ambos os grupos, com a presença de clãs tribais ou familiares diferenciados que clamavam por direitos iguais frente à dignidade régia[74].

Segundo o relato de Idácio, essa divisão teria inclusive proporcionado um período de paz entre suevos e galaico-romanos, um pedido que teria partido dos suevos, possivelmente para que eles pudessem se reorganizar[75].

Porém, pouco tempo depois, o bispo volta a informar sobre novos ataques suevos, mas agora realizados na região da Lusitânia. Segundo o bispo, Maldras teria feito ali uma campanha militar, realizando diversos saques e provocando uma grande matança de romanos, entrando inclusive na cidade de *Olisippo* (atual Lisboa) sob a falsa aparência do desejo de negociar a paz[76].

No ano seguinte, Idácio afirma que os suevos, sob as ordens de Maldras, regressam a sua costumeira "perfídia" e voltam a saquear a *Gallaecia*, em uma localidade perto do rio Douro[77]. Já o outro grupo enfrentava problemas em consolidar uma liderança, pois o bispo informa que Frantano morre apenas um ano após passar a chefiar seu grupo, entre a Páscoa e o Pentecostes. Entretanto, sua morte não cessou a divisão entre os suevos, que continuariam com líderes diferentes pelos próximos sete anos.

---

[71] DÍAZ, Pablo C. Los bárbaros y la península ibérica. El caso suevo en su contexto: a vueltas con la identidad. QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS, Santiago (org.). **Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII**. Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua, 2015, p. 56.
[72] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 91.
[73] TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. **Galicia histórica. El reino de los suevos**. La Coruña: Fundación "Pedro Barrie de la Maza Conde Fenosa": Instituto "P Sarmiento" de Estudios Gallegos", 1977 p. 60.
[74] DÍAZ, Pablo C. Los bárbaros y la península ibérica. El caso suevo en su contexto: a vueltas con la identidad. QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS, Santiago (org.). **Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII**. Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua, 2015, p. 57-58.
[75] Hydatius, ***Chronica***, I, 181.
[76] Hydatius, ***Chronica***, I, 181.
[77] Hydatius, ***Chronica***, II, 183.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos suevos que estavam sob a liderança de Frantano, o relato de Idácio sobre o grupo de Maldras parece apontar para o início de uma reorganização do poder entre os suevos, já que a quebra de um acordo com os galaico-romanos poderia indicar um aumento do poderio local sob a tutela de Maldras, o que tornaria desnecessário o antigo tratado de paz. Contudo, nos relatos seguintes do bispo podemos perceber que a liderança de Maldras também não era sólida entre o seu grupo, o que possivelmente o levou a ser questionado dentro de sua própria família a ponto de ter sido obrigado a matar seu irmão antes de realizar uma campanha de saque na cidade de *Portucale*[78]. Sua morte, ocorrida em 461, deve ser entendida como um desdobramento desse aspecto de disputa de poder, pois Idácio afirma simplesmente que ele fora degolado em finais de fevereiro, tendo morrido com a mesma classe de morte que mereceu[79], o que Stefanie Hamman sugere como tendo sido um tipo de vingança de sangue[80].

Em todos esses ataques, Idácio faz questão de salientar a volta das hostilidades entre hispano-romanos e suevos, o que teria provocado não somente a morte da população comum, mas também de vários membros das aristocracias locais[81].

Com essas ações, os suevos haviam voltado a ter um comportamento que remetia aos primeiros anos de sua chegada à *Gallaecia*, em que não tinham uma política de tratados e alianças e recorriam frequentemente ao saque e à violência. Sua intensa busca por butim poderia estar relacionada com a perda de suas bases estáveis de poder e a possibilidade de administrar colheitas, armazenar mantimentos, vender produtos, arrecadar impostos ou terem uma renda regular por meios que não sejam o de violência[82].

Os grupos suevos nesse período não mais possuíam inclusive uma unidade para decidir quem seriam os sucessores dos líderes que morriam. Em seu texto, Idácio não aponta diretamente quem foram os sucessores de Maldras e Frantano logo após suas mortes, como fazia nos tempos da dinastia de Hermerico. O bispo apenas segue sua narrativa apresentando as ações dos suevos sob novos líderes, sem especificar como foi sua condução ao comando.

[78] Hydatius, ***Chronica***, III, 190.
[79] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 193.
[80] HAMMAN, Stefanie. **Vorgeschichte und Geschichte der Sueben in Spanien.** Dissertation. Regensburg: Universität Regensburg, 1971, p. 128.
[81] Hydatius, ***Chronica***, III, 191.
[82] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 92.

Antes do ataque de Maldras em *Portucale*, Idácio faz uma menção ao possível sucessor de Frantano em 459, quando informa que enquanto os suevos de Maldras atacavam a Lusitânia, os liderados por Rechimundo saqueavam algumas partes da *Gallaecia*[83]. Já a citação ao sucessor de Maldras aparece somente quando o bispo relata um ataque realizado a *Aquae Flaviae* em 460, que teria sido liderado por Frumário[84], no qual o próprio Idácio teria sido preso.

Após informar sua prisão, Idácio relata uma ação militar do líder suevo Rechimundo, que estava saqueando conjuntamente as regiões vizinhas dos auregenses e as zonas marítimas do *conventus* de Lugo[85].

Com duas ações militares em regiões próximas, o bispo informa que surge entre os dois líderes suevos, Frumário e Rechimundo, uma disputa pelo poder régio[86]. Possivelmente, devido a esse conflito, ambas as facções suevas solicitam uma trégua com os galaico-romanos[87], a qual provavelmente resulta na libertação de Idácio de seu cativeiro apenas três meses após sua prisão e contra a vontade dos romanos que o delataram[88].

Após um tempo sem noticiar acontecimentos sobre os suevos, Idácio retorna com essas informações em 463, no segundo ano do imperador Líbio Severo. Os relatos dizem respeito às embaixadas realizadas entre o grupo suevo liderado por Rechimundo com a corte real de Teodorico II[89], que provavelmente tratavam sobre um possível apoio da monarquia goda a sua reivindicação régia.

A partir do parágrafo seguinte da crônica, o nome de Rechimundo desaparece da obra de Idácio, aparecendo em seu lugar o nome Remismundo[90], que continuará presente no restante da obra. Essa questão foi debatida por inúmeros historiadores, porém em nossa visão ela parece ser um problema de erro na grafia dos nomes, uma hipótese já levantada e discutida pela historiografia[91].

[83] Hydatius, ***Chronica***, III, 188.
[84] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 196.
[85] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 197.
[86] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 198.
[87] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 199.
[88] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 202.
[89] Hydatius, ***Chronica***, II, 215.
[90] Hydatius, ***Chronica***, II, 215
[91] REINHART, Wilhelm. **Historia General del reino hispánico de los suevos**. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre, 1952, p.49; TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. **Galicia histórica. El reino de los suevos**. La Coruña: Fundación "Pedro Barrie de la Maza Conde Fenosa": Instituto "P Sarmiento" de Estudios Gallegos", 1977 p. 161;166; HAMMAN, Stefanie. **Vorgeschichte und Geschichte der Sueben in Spanien.** Dissertation**.** Regensburg: Universität Regensburg, 1971, p. 130;

As diversas grafias para um mesmo personagem, população ou região se repetem várias vezes ao longo da crônica, e em algumas delas levam a uma confusão entre quem está sendo citado. Considerar Rechimundo e Remismundo como um mesmo indivíduo, além de não alterar o sentido do relato de Idácio, corrobora com as informações apresentadas na sequência, em que o bispo indica que com a morte de Frumário, Remismundo conclama que todos os suevos regressem sobre sua autoridade, obedecendo ao seu direito régio[92].

Entretanto, qual seria este direito régio, considerando que os suevos haviam passado os últimos anos sendo governados por líderes tribais que aparentemente não tinham nenhuma ligação com a antiga dinastia de Hermerico? A resposta a essa questão começa a se formar quando analisamos os relatos sobre as embaixadas entre suevos e godos que aconteceram antes da unificação de Remismundo.

Nas passagens em que apontamos a troca na grafia nos nomes de Rechimundo/Remismundo[93], Idácio menciona a volta do líder suevo da corte de Teodorico II, o que pode nos indicar que Remismundo, percebendo que dificilmente unificaria os suevos somente com o enfrentamento contra o grupo de Frumário, tenha buscado o apoio do rei godo para a sua causa. Um aspecto a se recordar, é que nesse período a Autoridade Imperial romana não tem mais o controle sobre as províncias hispanas, um vácuo de poder que seria preenchido aos poucos pela Autoridade Régia dos godos. Percebendo a ascensão e a influência do rei godo na região, é natural afirmarmos que, provavelmente, Remismundo tenha declarado sua fidelidade a Teodorico II, recebendo em troca a legitimação régia do soberano godo para unificar os suevos sob o seu comando, portando o título de rei desse povo.

Esse acordo fica mais evidente com a próxima passagem da crônica com informações sobre os suevos, na qual Idácio narra que após uma troca de embaixadas

TRANOY, Alain. Hidace. **Chronique**. Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy. Paris, 1974; THOMPSON, Edward A. The End of Roman Spain: part II. **Nottingham Medieval Studies**, nº21, 1977, p.10; MARTINALE, J. **The Prosopography of Later Roman Empire: Volume II 395-527 AD.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980, 936;938; MUHLBERGER, Steven. **The fifth-century chroniclers: Prosper, Hydatius and the Gallic Chronicler of 452**. Leeds: Francis Cairns, 1990, p. 227; 254; PAMPLIEGA, Javier. **Los germanos en España**. Berriozar (Navarra): Ediciones Universidad de Navarra, 1998, 336; 348-350; [91] DÍAZ, Pablo C. Los bárbaros y la península ibérica. El caso suevo en su contexto: a vueltas con la identidad. QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELLANOS, Santiago (org.). **Identidad y etnicidad en Hispania: propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VII**I. Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua, 2015, p. 59; DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 96.

[92] Hydatius**, *Chronica***, III, 219

[93] Hydatius, ***Chronica*****,** II, 215-216.

entre godos e suevos, Teodorico II envia a Remismundo armas e presentes[94], além de lhe devolver sua esposa que provavelmente estava na condição de refém na corte de Tolosa[95]. Essa última informação, em relação à esposa de Remismundo, foi interpretada em outras ocasiões como o envio de uma mulher para que o rei suevo se casasse, reforçando assim o vínculo entre as duas monarquias, uma prática habitual entre os bárbaros germânicos e que já havia sido utilizada nos tempos de Requiário, contudo, essa versão não encontra correspondência nas fontes[96].

Em nossa visão, esses acordos, somados com a posterior conversão dos suevos ao cristianismo ariano[97], religião que estava intimamente ligada aos godos, nos evidenciam o esforço que a monarquia sueva estava realizando nesse momento em prol de sua sobrevivência.

Porém, essa situação é alterada a partir do assassinato de Teodorico II por seu irmão mais novo, Eurico, que após o ocorrido é proclamado o novo rei dos godos[98]. Com a mudança no comando godo, os antigos acordos de Remismundo com Teodorico II perdem a validade, pois os tratados do período tinham validade apenas durante o período de administração de cada governante, sendo necessária sua renegociação quando uma das duas partes era retirada do poder ou morria. Com isso, nesse momento se fazia necessário que Remismundo realizasse uma nova aproximação com Eurico.

As negociações aparecem na crônica de Idácio, quando o bispo menciona que Eurico despachou alguns legados ao imperador romano e ao rei dos suevos logo após sua posse. Na mesma passagem, o bispo afirma que Remismundo dispensou os legados godos e enviou os seus próprios ao imperador, aos vândalos e também aos godos[99].

Segundo Pablo C. Díaz, a população que mais sofreu as consequências dessa nova conjuntura foi a hispano-romana, que passou a ser alvo de diversos saques dos suevos que estavam em busca de butim[100]. Idácio narra novos ataques à população de Aunona[101] e

[94] Hydatius, ***Chronica***, III, 222.
[95] BURGESS, R. W. From Gallia Romana to Gallia Gothica: the view from Spain. In: DRINKWATER, John; ELTON, Hugh (Orgs.). **Fifth-century Gaul: a crisis of identity?** Cambrigde: University Press, 1992, p. 26.
[96] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 96. Idácio deixa claro que Remismundo já era casado quando escreve "*et coniunge quam haberet*".
[97] Hydatius, ***Chronica***, IIII, 228.
[98] Hydatius, ***Chronica***, I, 233.
[99] Hydatius, ***Chronica***, I, 234.
[100] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 96.
[101] Hydatius, ***Chronica***, I, 235.

incursões na antiga província da Lusitânia[102], onde a cidade de Coimbra é saqueada, tendo parte de suas construções destruídas, e a cidade de Lisboa ocupada, após Lusídio, provavelmente seu governador, entregá-la[103].

Como resposta à expansão sueva, os godos atacam e ocupam a cidade de Lisboa, realizando o massacre tanto de suevos como de romanos. Provavelmente essa ação goda preocupou Remismundo, que resolve estabelecer uma paz com os aunonenses e enviar mais tropas para a Lusitânia[104], que tem seu território saqueado tanto pelas tropas suevas como pelas godas[105].

A última notícia da crônica de Idácio acerca dos suevos se refere a uma embaixada enviada por Remismundo ao imperador Antêmio, na qual o rei suevo designou Lusídio como seu representante, o antigo governador de Lisboa que havia lhe entregado a cidade, acompanhado por um pequeno contingente de guerreiros suevos[106].

A embaixada provavelmente buscava uma mediação do *magister militum* ocidental Ricímero e Antêmio com o rei godo Eurico, visto que os godos ainda tinham acordos vigentes com os romanos. Segundo Audrey Becker, optar por um embaixador que havia traído os romanos pode parecer ilógica de início, porém sua origem social e seu status de hispano-romano devem ter influenciado em sua escolha. De fato, Remismundo poderia ter pensado que Lusídio deveria ser quem melhor conhecia os assuntos diplomáticos do Império Romano e por isso seria alguém que poderia obter um sucesso maior nessas negociações[107].

O desfecho das negociações é desconhecido, assim como notícias concretas sobre os suevos pelos próximos cem anos, pois os próximos parágrafos de Idácio dizem respeito à finalização apocalíptica de sua obra, em que a chegada do ano 500 da era hispana coincide com uma série de presságios ocorridos na *Gallaecia*, que o bispo acreditava serem fortes indicadores de um apocalipse iminente[108].

De alguma forma, Remismundo e Eurico chegaram a um acordo que possibilitou a convivência entre os dois povos durante esse longo período sem informações sobre os

[102] Hydatius, ***Chronica***, I, 237.
[103] Hydatius, ***Chronica***, II, 240.
[104] Hydatius, ***Chronica***, II, 243.
[105] Hydatius, ***Chronica***, II, 244.
[106] Hydatius, ***Chronica***, II, 245.
[107] BECKER, Audrey. **Les relations diplomatiques romano-barbares en Occident au Ve siècle: acteurs, fonctions, modalités**. Paris: De Boccard, 2013, p. 140.
[108] DÍAZ, Pablo C. **El reino suevo (411-585)**. Madrid: Akal, 2011, p. 99 - 100.

suevos. Casimiro Torres sugere a possibilidade de um acordo entre os dois reis, no qual Remismundo prometeria evacuar a Lusitânia e manter sua área de influência restrita apenas à *Gallaecia*, um tratado que seria útil a Eurico, pois apesar do rei godo poder eliminar facilmente os suevos, ele tinha como prioridade para o momento realizar a expansão de seu território na Gália[109].

No entanto, essa possibilidade é apenas uma sugestão. Segundo nossa interpretação, seja qual tenha sido o acordo, ele provavelmente contou com a submissão da monarquia sueva à monarquia goda e praticamente nenhuma influência imperial, visto que em seu reinado Eurico rompe definitivamente os tratados com Ravena e passa a ser o primeiro rei godo a governar de maneira independente do já enfraquecido Império Romano. Apesar de não termos mais fontes com informações sobre os suevos até meados do século VI, podemos afirmar, a partir desse contexto, que seu processo de mobilidades permaneceria restrito a própria sobrevivência de sua monarquia, que floresceria como uma instituição mais consolidada no século VI, porém restrita à região da *Gallaecia*.

[109] TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. **Galicia histórica. El reino de los suevos**. La Coruña: Fundación "Pedro Barrie de la Maza Conde Fenosa": Instituto "P Sarmiento" de Estudios Gallegos", 1977 p. 188; 192.